

VERBOS INTRODUTORES DE DISCURSO DIRETO

Ana Maria P. de OLIVEIRA*
Beatriz N. O. LONGO*
Maria Celeste C. DEZOTTI*

RESUMO: Estudamos verbos que introduzem discurso direto em português e alguns fatores que determinam a possibilidade de transformação de discurso direto em indireto. Chegamos às seguintes conclusões: os verbos elocutórios dividem-se em dois grupos: os que têm o dictum como seu complemento e os que qualificam o dictum. A transformação de discurso direto em indireto não se aplica livremente, estando sujeita a certas restrições, como o princípio da inserção do complemento e as restrições seletivas dos verbos.

UNITERMOS: Discurso direto e indireto; dictum; verbos elocutórios; instrumental; restrições seletivas; inserção de complemento.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa originou-se de anotações feitas durante as atividades de descrição de verbos para o Dicionário Gramatical de Verbos que o Departamento de Linguística do ILCSE propôs elaborar.

Muitas vezes encontramos verbos que introduziam discurso direto e que não admitiam discurso indireto.

Houve casos ainda em que a coesão sintática entre o discurso direto e o verbo que o antecedia era tão tênue que nos parecia no mínimo forçado considerar tal verbo um introdutor de discurso. Esse conjunto de dificuldades nos motivou a tentar estabelecer um critério para a identificação e classificação dos verbos introdutores de discurso direto e explicar quais os fatores que condicionam a possibilidade ou impossibilidade de transposição do discurso direto para o indireto.

Nossos manuais de ensino e gramáticas escolares (CEGALLA, 2; CUNHA, 3; GARCIA, 4) situam o estudo das formas de citação da fala no âmbito da estilística, preocupando-se, principalmente, em descrever os mecanismos de transformação do discurso direto em discurso indireto. Isso poderia levar à conclusão de que, teoricamente, qualquer enunciado em discurso direto pode ser transformado, feitas as devidas adaptações, em discurso indireto. Entretanto, se consideramos (1) e (2), vemos que a transposição não é possível:

- (1) (a velhinha) *tranquilizou* também a vizinha de banco: — Ela vai trabalhar no Ministério; eu vou para casa, moro no Rio Comprido. (6, p. 52).

* Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa — Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação — UNESP — 14800 — Araraquara - SP.

- (2) a nave foi auxiliada em terra por dois crioulos que *orientavam* as manobras: “Dá ré, agora vira tudo pra direita, isso, chega um pouquinho à frente, tá bom aí.” (8, p. 40)

Esses mesmos manuais não chegam a estabelecer com rigor o que caracteriza os verbos introdutores de discurso. Othon Garcia chama-os de verbos “de elocução” e os define como verbos que “no discurso direto, indicam o interlocutor que está com a palavra” (4, p. 129) “no indireto, constituem o núcleo do predicado da oração principal.” (4, p. 130). Apresenta, em seguida, uma classificação semântica de tais verbos, composta de nove itens: verbos de dizer (afirmar, declarar), de perguntar (indagar, interrogar), de responder (retrucar, replicar), de contestar (negar, objetar), de exclamar (gritar, bradar), de pedir (solicitar, rogar), de exortar (animar, aconselhar), de ordenar (mandar, determinar) e de concordar (assentir, anuir). Segundo ele, esses são os mais comuns, de sentido geral. Mas há outros, “mais caracterizadores da fala”, citados em nota de rodapé. Entre esses estão: sussurrar, soluçar, cumprimentar, rosnar, desculpar, concluir, ameaçar, respirar, rir. O autor lembra que a “língua portuguesa é riquíssima em verbos de elocução”, notando que desses, muitos são estranhos e outros constituem verdadeira “heresia lógico-sintática” (4, p. 132). Por aí, vemos que a função de indicar o interlocutor que está com a palavra não pode ser tomada como critério objetivo, seguro, pois confere a qualquer verbo da língua portuguesa a possibilidade de adquirir estatuto de verbo “de elocução”. Basta, para isso, que venha seguido de discurso direto separado do verbo de elocução por sinais gráficos convencionais: aspas, dois pontos ou travessão. Se fosse assim, tal potencialidade deveria ser prevista na descrição sintático-semântica dos verbos do português.

CLASSIFICAÇÃO

Partindo de ocorrências não estranhas, como (1) e (2) e de “estranhas” ou “heréticas” como os exemplos:

- (3) O crioulo pensou alguns segundos, escavalou o lábio inferior no superior e *balançou* a cabeça negativamente: “Não sei não senhor.” (8, p. 41)
(4) Claro que não — *intrometeu-se* o crioulo folgado. (8, p. 42)
(5) (Dona Abgail) Entrou e, caminhando lentamente, foi *esbarrar* no balcão de enlatados: “Uê, mas eu vim para a fila do arroz.” (8, p. 21)
(6) A mãe *puxou* o filho pelo braço: — Agora vem, filhinho. Vamos lá para dentro, deixa teu pai descansar. (8, p. 28)

propomos a classificação desses verbos que introduzem discurso direto em dois grandes grupos: verbos elocutórios e verbos não-elocutórios. Vejamos cada um deles, seus subgrupos e a descrição de suas características.

1. VERBOS ELOCUTÓRIOS — são verbos que contêm implícito em seu significado um comportamento de fala ou seja, um *dictum*. Subdividem-se em:

1.1. *Verbos de dizer* — são verbos de ação cujo complemento direto é o *dictum*.

- (7) Um crioulo ao lado sorriu e *disse*: “Os senhores não são os primeiros, tudo quanto é gringo reclama do nosso calor”. (8, p. 41)
(8) — Estamos numa democracia — *falou* (o Milanês) (7, p. 25).

A esse grupo pertencem os verbos *dizer* e *falar*, básicos, porque neutros, e uma série de outros verbos cujo significado traz somado ao dizer básico informações sobre a cronologia discursiva (*retrucar, repetir, completar, emendar, arrematar, tornar* etc.) ou sobre o modo de realização do enunciado (*gritar, berrar, exclamar, sussurrar, cochichar* etc.). Cf.:

- (9) (O Consumidor) *antecipou*:
— Já sei. Saiu café da torneira da pia. (8, p. 30).
- (10) — Tudo um absurdo — *exclamou* ela — o custo de vida está pela hora da morte. (pág. (8, p. 80)
- (11) É verdade — *completou* Juvenal — e o custo das aulas está pela hora do recreio. (8, p. 80)
- (12) Não. Pelo amor Deus, a (história) da Branca de Neve não — *gritou* Fabinho ()
— já está muito manjada. (8, p. 82)

1.2. *Verbos que qualificam o dictum* — são verbos de ação que apresentam lexicalizada a modalização que caracteriza o *dictum* neles implícito. São verbos como *queixar-se, comentar, confidenciar, observar, protestar, explicar, avisar, informar* etc., que podem ser parafraseados por dizer uma queixa, dizer um comentário, dizer uma confidência, dizer uma observação, dizer um protesto, dizer uma resposta e assim por diante. Cf.:

- (12) O médico, no entanto, prefere enrolar uma gaze em torno do pescoço da boneca, *diagnosticando*:
— Mordida de leão. (6, p. 21)
- (13) — Saiu agora mesmo com uma trouxinha — *informou* ele. (6, p. 21)
- (14) Kni observou lá de cima e *comentou* com Giv: “Creio que nos distraímos e saímos da rota.” (8, p. 40)

2. VERBOS NÃO-ELOCUTÓRIOS — são verbos que indicam ação, processo ou ação-processo e que se realizam independentemente de um comportamento de fala. Este grupo também se subdivide em dois subconjuntos:

2.1. *Verbos que instrumentalizam o dictum* — são verbos que indicam ações realizadas mediante o uso de um instrumento, que pode consistir, eventualmente, em um *dictum*. Pode-se, por exemplo, *ameaçar* alguém com uma faca, com um gesto ou com um *dictum*. Cf.:

- (15) Vanderley de Mendonça chegou ao ponto de *ameaçar*: — Estou disposto a derrubar esse jumento da estátua eqüestre. (1)

Convém observar que as ações indicadas pelos *verbos de dizer* também podem realizar-se mediante o uso de código gestual. Nesse caso, porém, o gesto só tem significação dentro de um contexto lingüístico previamente estabelecido. Por exemplo, a ação de *concordar*, com um aceno, pressupõe a existência de um enunciado anterior com o qual se possa *concordar*. O mesmo vale para *negar* e *confirmar*. Cf.:

- (16) todos *concordavam* com a cabeça ao fim de cada artigo. (7, p. 24)
- (17) Dr. Matoso sorriu amável, *concordando*:
— Faço muito barulho, minha senhora? (7, p. 26)

Já os gestos que realizam ações de verbos que instrumentalizam o *dictum* não precisam estar inseridos em contexto lingüístico previamente estabelecido. Eles, por si mes-

mos, podem instaurar a comunicação. É o caso da ação expressa pelo verbo *cumprimentar*, que pode ser realizada através de um *gesto* ou de um *dictum*. Quando tais verbos são empregados com discurso direto, este passa, portanto, a ter o estatuto de *instrumental*. São desse grupo os verbos *remediar*, *acalmar*, *perturbar*, *chamar*, *desiludir*, *interromper*, *caçoar*, *consolar*, *interceptar* etc. Cf.:

- (18) E até uma mulher se julgou no direito de *desacatá-lo*; — Folgado, hem, cara. (8, p. 49)
- (19) Uma das aeromoças, de pé a seu lado, tenta *acalmá-lo*: — Isto é apenas rotina, cavalheiro. (8, p. 53)
- (20) Notei que a empregada regava com especial carinho a planta e *caçoei* dela: — Você vai criar um cajueiro aí? (6, p. 24)

Nessas seqüências, os locutores usam os discursos diretos como *instrumentos* para, respectivamente, *desacatar*, *acalmar* e *caçoar*.

2.2. *Verbos circunstanciais* — expressam uma ação ou processo que pode realizar-se ao mesmo tempo que o *dictum*. Indicam, então, as circunstâncias que caracterizam o ato de dizer. Aqui é que se encaixam todos aqueles verbos que Othon Garcia chamou “estranhos” e também aqueles que, segundo ele, configuram “heresia lógico-sintática”. Citamos alguns: *rir*, *chorar*, *resmungar*, *espantar-se*, *suspirar*, *agastar-se* etc.

- (21) O capitão se *inclinou*, interessado: — É isso que eu dizia. (7, p. 23)
- (22) E (Bernardo) *aponta* para o céu com o dedo: — É atrás daquele teto azul que fica o Japão? (7, p. 46)
- (23) Seu Chico *suspirou*, resignado. — Era uma codorna. Não tem importância. (5, p. 37)

FATORES QUE DETERMINAM A POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAÇÃO DO DISCURSO DIRETO EM INDIRETO

Os verbos elocutórios admitem a transposição de seu *dictum* para discurso indireto, desde que se considerem os dois princípios seguintes:

- (a) Os verbos impõem restrições, em termos de traços, tais como /animado/, /concreto/, /humano/, /sólido/ etc., aos complementos com que se combinam. Conseqüentemente, a transposição para discurso indireto só poderá ocorrer com verbos elocutórios cujos complementos tenham traços compatíveis com os de uma oração conjuncional.
- (b) Um verbo não pode combinar-se com dois complementos da mesma natureza sintática.

Assim, todos os *verbos de dizer*, em princípio, admitem a transposição, pois têm como complemento o próprio *dictum* que, quando transformado em discurso indireto, assume a forma de oração conjuncional. Cf. as transformações correspondentes a (7) e (8), respectivamente:

- (24) Um crioulo ao lado sorriu e disse que aqueles senhores não eram os primeiros, que tudo quanto era gringo reclamava do nosso calor.
- (25) (O Milanês) falou que estávamos numa democracia.

Entretanto, se na frase introdutora do discurso direto o lugar do complemento expresso pelo *dictum* já estiver preenchido por um sintagma nominal, então a transposi-

ção será impossível, pois violaria o princípio (b), isto é, teríamos dois complementos de mesma natureza sintática. Vejamos que para:

(26) (a filha) proferiu uma ordem imperiosa:

— Vai, mãe. (6, p. 51)

a transposição é impossível.

Com os *verbos que qualificam o dictum* existe a possibilidade de se violar qualquer um dos dois princípios. Se o verbo selecionar um complemento expresso por nome, a transposição será impossível. Cf.:

(27) Em seguida, propõe um trato: — Só se você depois me der um sorvete.

(PGL,2,21)

(28) Ralhou comigo: eu não sou negra. (1)

(29) Isso não tem graça nenhuma, repreendeu-o tia Quiquinha. (1)

Já o exemplo (30) não admite a transposição para discurso indireto porque o lugar do complemento expresso pelo *dictum* já está ocupado pelo SN “a burra”:

(30) Simplício, um pouco atrás, queixava-se da burra: Ela se apro...aproveita dos de...defeitos que tem. (1)

A transformação só seria possível se modificássemos a estrutura da sentença:

(31) Simplício, um pouco atrás, queixava-se de que a burra se aproveitava dos defeitos que tinha.

Os verbos não-elocutórios jamais admitem a transposição do discurso direto para indireto, pois o *dictum* não é seu complemento. Nas construções de 2.1., o *dictum* é um instrumental e, nas construções de 2.2., o verbo é um circunstancial. Tanto num caso como no outro a reversão para discurso indireto só se torna possível se explicitarmos, na frase, o verbo *dizer* que se acha apagado e do qual o *dictum* é verdadeiramente complemento. Confiramos os exemplos de discurso indireto correspondentes a (19), (20) e (21), respectivamente:

(32) Uma das aeromoças, de pé a seu lado, tenta acalmá-lo *dizendo* que aquilo é apenas rotina.

(33) Notei que a empregada regava com especial carinho a planta e caçoei dela *dizendo* que ela ia criar um cajueiro lá.

(34) O capitão se inclinou, interessado, *dizendo* que aquilo que ele dizia (...)

Há casos em que se apagam, na oração introdutória do discurso direto, não só o verbo *dizer* mas ainda o próprio sujeito do dizer. Cf.:

(35) (o ciclista) cruzou com o leiteiro. Quis fingir que não viu, mas sem resultado:

— Força, doutor. No começo a gente padece mesmo. No fim é moleza. (8, p.49)

Nesse exemplo em que o *dictum* é introduzido pelo verbo *fingir* ou, mais rigorosamente, pelo verbo *obter* que está implícito na oração “mas sem resultado”, vemos que

tais verbos não indicam o “interlocutor que está com a palavra”, como propôs Othon Garcia; pelo contrário, o ciclista aí é o *destinatário*. Quem proferiu o *dictum* foi o *leiteiro*. Para transformá-lo em discurso indireto teríamos que recuperar, no contexto, uma oração inteira para explicitar o seu verdadeiro emissor:

- (31) O ciclista quis fingir que não viu, mas sem resultado, *pois o leiteiro disse* que *fizesse* força, que no começo a gente padecia mesmo e que no fim era moleza.

CONCLUSÕES

1. Só são verdadeiros introdutores de discurso direto os verbos aqui chamados *elocutórios*, isto é, aqueles que têm um *dictum* como complemento.
2. Os verbos não-elocutórios são falsos introdutores de discurso direto. Por isso, só admitem a transposição do *dictum* em discurso indireto se explicitarmos o verbo de *dizer* implícito na frase.
3. Os verbos elocutórios podem construir-se com discurso indireto, observadas as restrições impostas pelos princípios (a) e (b).

OLIVEIRA, A.M.P. de *et alii* — Introductory verbs to direct speech. *Alfa*, São Paulo, 29:91-96, 1985.

ABSTRACT: We studied verbs that introduce direct speech in Portuguese, as well as some of the factors that determine the possibility of turning direct speech into indirect. We reached the following conclusions; Elocutory verbs may be divided in two groups: verbs that take the dictum as their complement and verbs that qualify the dictum. Indirect speech transformation does not apply freely, being subject to certain conditions, such as the complement insertion principle and the selectional restrictions of the verb.

KEY-WORDS: Direct and indirect speech; dictum; elocutory verbs; instrumental; selectional restrictions; complement insertion.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BORBA, F. da S., coord. — *Dicionário gramatical de verbos de português contemporâneo*. (Em preparação pelo Departamento de Linguística do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação da UNESP, Araraquara, SP.)
2. CEGALLA, D.P. — *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 18.^a ed. S. Paulo, Nacional, 1978.
3. CUNHA, C. — *Gramática do Português Contemporâneo*. 3.^a ed. Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1972.
4. GARCIA, O.M. — *Comunicação em prosa moderna*. 11.^a ed., Rio de Janeiro, Fundação Getúlio-Vargas, 1983.
5. PARA GOSTAR DE LER-1: crônicas. Ed. Didática por Carlos Drummond de Andrade *et alii*. 2.^a ed. São Paulo, Ática, 1977.
6. PARA GOSTAR DE LER-2: crônicas. Ed. Didática por Fernando Sabino *et alii*. São Paulo, Ática, 1978.
7. PARA GOSTAR DE LER-4: crônicas. Ed. Didática por Carlos Drummond de Andrade *et alii*. São Paulo, Ática, 1979.
8. PARA GOSTAR DE LER-7: crônicas. Ed. Didática por Carlos Eduardo Novaes *et alii*. São Paulo, Ática, 1981.